

CCB



10 ABR 26

CICLO SEXTA MAIOR

SINFONIA N.º 41 «JÚPITER»
DE MOZART
LONDON MOZART PLAYERS

ARTES
PERFORMATIVAS

Temporada 2025/2026

Centro Cultural de Belém

Pequeno Auditório

sexta-feira, 20h00

+6

Duração aproximada: 80 min

CICLO SEXTA MAIOR

SINFONIA N.º 41 «JÚPITER» DE MOZART

LONDON MOZART PLAYERS

PROGRAMA

Nuno Côrte-Real (1971)

Todo o Teatro é um Muro Branco de Música, Op. 45

Dmitri Shostakovich (1906–1975)

*Concerto N.º 1 para Violoncelo e Orquestra, em Mib maior, Op. 107 **

I. *Allegretto*

II. *Moderato*

III. *Cadenza (attacca)*

IV. *Allegro con moto*

Intervalo

Wolfgang Amadeus Mozart (1756–1791)

Sinfonia N.º 41 «Júpiter», em Dó maior

I. *Allegro vivace*

II. *Andante cantabile*

III. *Menuetto: Allegretto - Trio*

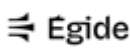
IV. *Molto allegro*

Direção Musical **Nuno Côrte-Real**

Solista **Filipe Quaresma ***

London Mozart Players

Este programa é coapresentado pela Temporada Darcos e pelo CCB, com o apoio da Direção Geral das Artes, da Câmara Municipal de Torres Vedras e da Câmara Municipal de Lisboa.



NOTAS DE PROGRAMA

CONCERTO N.º 1 PARA VIOLONCELO E ORQUESTRA DE SHOSTAKOVICH

O violoncelista virtuoso Mstislav Rostropovich teve a oportunidade de encomendar ao longo da carreira vários concertos aos mais destacados compositores do seu tempo. Contam-se, entre eles, L. Bernstein, B. Britten, W. Lutosławski, F. Lopes-Graça e, naturalmente, D. Shostakovich. Entre todos, terá sido este último o mais bem sucedido. Composto em 1959, o seu primeiro *Concerto para Violoncelo e Orquestra* logo se tornou numa peça de repertório incontornável, quer para violoncelistas, quer para o público melómano.

Na partitura do *Concerto para Violoncelo N.º 1* de Shostakovich, reconhece-se a irreverência do jovem Stravinsky e a imponência orquestral de Tchaikovsky, mas sobretudo a singularidade de um discurso pessoal, intimista, próprio de um artista que enfrentou os constrangimentos de um percurso criativo que conviveu com a política do regime soviético. Sente-se obstinação, mas também o «despropósito» de um registo grotesco, alternado com uma angústia intensa.

Na vez dos três andamentos que seria de esperar, contam-se quatro, sendo os três últimos tocados sem interrupção. Apesar disso, o terceiro pode ser entendido como uma cadência que se instala na mais profunda compenetração. O último andamento resulta, depois disso, em algo paradoxal. É exuberante, mas não esconde uma profunda inquietação, pela maneira como combina um clima de agitação com a precipitação do discurso. O motivo melódico de quatro notas que prevalece ao longo do primeiro andamento assume particular importância no conjunto da obra, ressurgindo no final com grande destaque. Revela-se, então, na tradução das notas do solfejo (notação musical germânica), o criptograma D-S-C-H – iniciais do nome do compositor na grafia habitual alemã (Schostakowitsch). Sublinha-se, assim, a faceta de testemunho pessoal que perpassa por esta obra.

A DERRADEIRA SINFONIA

A *Júpiter* é a mais monumental das sinfonias de Mozart. O título por que é conhecida faz-lhe justiça; toma emprestado o nome do maior planeta do sistema solar, ou do deus romano, pai de Vénus e de Minerva. A par do *Concerto para Piano N.º 21* e da *Sinfonia N.º 40*, inclui-se também entre as obras do compositor de Salzburgo mais tocadas nos nossos dias. Foi a sua derradeira sinfonia.

Ao longo de quatro andamentos, sucedem-se na *Sinfonia N.º 41* inúmeras ideias melódicas. Estas apresentam-se, porém, surpreendentemente curtas na sua extensão temporal. Limitam-se, por vezes, à configuração de pequenos motivos, precipitadamente interrompidos pela contundência dos acordes. É, simultaneamente, introspetiva e exuberante, graciosa e perturbadora. Sintetiza as mais importantes técnicas de escrita orquestrais do passado, mas chama a si uma postura vanguardista, intimando os compositores que lhe seguiram a uma atitude de permanente evolução.

Uma das características que melhor distinguem esta partitura será a coexistência dos mais elaborados recursos do estilo barroco, sobretudo evidentes nas técnicas contrapontísticas que surgem no último andamento, com premissas que apontavam caminho ao romantismo musical. Esta era uma convergência extremamente inovadora à data de 1788; uma qualidade que é, ainda hoje, amplamente reconhecida.

Deste modo, por mais que queiramos evitar uma associação do decurso da História da Música à dimensão trágica da vida dos que a protagonizam, deparamo-nos inevitavelmente com a seguinte pergunta:

O que mais nos revelaria Wolfgang Amadeus Mozart se não tivesse morrido apenas um ano e meio depois?

Textos **Rui Campos Leitão**

(Notas ao Programa gentilmente cedidas por Rui Campos Leitão/Metropolitana.)

TODO O TEATRO É UM MURO BRANCO DE MÚSICA

Encomenda da Orquestra Metropolitana de Lisboa, e dedicada ao compositor e maestro Pedro Amaral, a Abertura Concertante, Op.45 (2013) de Nuno Côrte-Real (1971), baseia-se no poema *Chuva Oblíqua* de Fernando Pessoa (1888-1935), escrito a 8 de março de 1914, e publicado no ano seguinte, no 2.º e derradeiro número da revista Orpheu. A languidez *spleen* que percorre a VI parte do poema, assim como as vívidas memórias de uma infância evocada, são assumidas, musicalmente, por um conjunto de cores de pendor expressionista, numa sucessão de ambientes quase hipnóticos, que derivam de um diálogo entre o piano e orquestra.

Nuno Côrte-Real



© Jorge Carmona

Nuno Côrte-Real

Direção Musical

Nascido em Lisboa, em 1971, Nuno Côrte-Real tem vindo a afirmar-se como um dos mais importantes compositores e maestros portugueses. Das suas estreias, destacam-se *7 Dances to the death of the harpist* na Kleine Zaal do Concertgebouw, em Amsterdão; *Pequenas músicas de mar* na Purcell Room, em Londres; *Concerto Vedras* na St. Peter's Episcopal Church, em Nova York; *Novíssimo Cancioneiro* no Siglufirdi Festival, em Reiquiavique; e *Andarilhos – Música de Bailado* na Casa da Música, no Porto. Dos agrupamentos que têm tocado a sua música destacam-se a Orquestra Sinfónica Portuguesa, o Coro do Teatro Nacional de São Carlos, o Coro e a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, o Remix Ensemble, a Royal Scottish Academy Brass, a OrchestrUtopica e solistas e maestros como Lawrence Renes, Julia Jones, Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kasper de Roo, Christoph König, David Alan Miller, Paul Crossley, John Wallace, Mats Lidström, Paulo Lourenço e Cesário Costa. É fundador e diretor artístico do Ensemble Darcos, grupo de música de câmara que se dedica à interpretação da sua música e do grande repertório europeu, e assina artisticamente a Temporada Darcos.

A sua discografia inclui canções tradicionais portuguesas nas editoras Portugal Som e Numérica; *Pequenas Músicas de Mar* na editora Deux-Elles; o bailado *Andarilhos* na editora Numérica em coprodução com a Casa da Música; e *Largo Intimíssimo* na austríaca Classic Concert Records. Em outubro de 2012, teve o seu primeiro CD monográfico, *VOLUPIA*, editado pela Numérica, e, em 2016, realizou a direção artística e musical do CD *Mirror of the Soul*, para a Odradek Records, com o Ensemble Darcos. No mundo cénico, Nuno Côrte-Real trabalhou com Michael Hampe, Pedro Cabrita Reis, Maria Emília Correia, Victor Hugo Pontes, André Teodósio, João Henriques, Rui Lopes Graça, Paulo Matos, Margarida Bettencourt, entre outros. Em junho e setembro de 2007 apresentou, com grande sucesso, as óperas de câmara *A Montanha* e *O Rapaz de Bronze*, encomendas da Fundação Calouste Gulbenkian e Casa da Música, respetivamente. Para o Teatro Nacional de São Carlos criou em 2009, o «intermezzo» *O Velório de Cláudio*, com libreto de José Luís Peixoto, e apresentou, em março de 2011, a ópera *Banksters*, com libreto de Vasco Graça Moura e encenação de João Botelho, com grande êxito e aceitação por parte de público e crítica. Como maestro, Nuno Côrte-Real já dirigiu o Mahler Chamber Orchestra, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Ciudad Granada, a Real Filharmonía de Galicia, a Orquestra de Extremadura, a Orquestra Fundación Excelentia (Madrid), a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra do Norte, a Orquestra do Algarve, a Orquestra Filarmonia das Beiras e a OrchestrUtopica, para além de projetos com um efetivo mais alargado

do Ensemble Darcos. Em junho de 2015, apresentou-se pela primeira vez na sala sinfónica do *Auditorio Nacional de Madrid*, Espanha.

Tem participado em vários festivais internacionais de música, onde se destacam os de Sintra, o de Estoril/Lisboa e o da Póvoa de Varzim, tendo dirigido solistas tais como Elisabete Matos, Artur Pizarro, Massimo Spadano, Nicola Ulivieri, Ana Quintans, Filipe Pinto Ribeiro, Adriano Jordão, Filipe Quaresma e Luís Rodrigues, entre outros. Foi bolseiro do Centro Nacional de Cultura. Em 2003, foi-lhe atribuída a medalha de Mérito Cultural da Câmara Municipal de Torres Vedras. Com o ciclo de canções *Agora Muda Tudo*, ganhou o prémio de Melhor Trabalho de Música Erudita, nos prémios SPAUTORES 2018.



© Adriana Romero

Filipe Quaresma

Solista

Filipe Quaresma, descrito como «um dos mais interessantes músicos portugueses» (jornal Público) e elogiado pela sua «forma precisa e soberbamente articulada de tocar, cheia de paixão e bastante contemplativa» (The Strad Magazine), equilibra a sua intensa atividade a solo e na música de câmara com a docência na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo no Porto. É membro da Orquestra Barroca Casa da Música, do Darcos Ensemble, do Sond'Ar-te Electric Ensemble e da Orchestre Révolutionnaire et Romantique, além de ser principal violoncelo convidado do Remix Ensemble Casa da Música. Em 2023, criou o BEYRA Laboratório Artístico – Ensemble Orquestral da Beira Interior, do qual é diretor artístico.

A sua formação inclui estudos com Rogério Peixinho na EPABI, David Strange e Mats Lidström na Royal Academy of Music, bem como com Natalia Gutman na Scuola di Musica di Fiesole (Itália). Detentor do prestigiado título ARAM (Associate Royal Academy of Music), foi distinguido com diversos prémios e bolsas de prestígio nacional e internacional. Apresentou-se em algumas das mais importantes salas e festivais de Portugal, da Europa e dos Estados Unidos da

América, onde colabora regularmente com prestigiados músicos. Enquanto solista, tocou com diversas orquestras nacionais e internacionais, destacando-se a estreia, em 2017, do *Concerto para violoncelo e orquestra* de Luís Tinoco, obra a si dedicada, com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, sob direção de Pedro Neves. Esta interpretação foi posteriormente lançada ao vivo pela Odradek Records, no álbum *The Blue Voice of the Water*. Estreou ainda *Circumnavigare*, de António Chagas Rosa (2019), com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, sob direção de Pedro Amaral, e o *Triplo Concerto*, de Miguel Azguime (2020), no CCB, com o Sond'Ar-Te Electric Ensemble e a Camerata Alma Mater, sob direção de Pedro Neves. O seu percurso é marcado pela estreia de inúmeras obras de compositores nacionais e internacionais nos mais variados contextos e formações. Em *Portuguese Music for Solo Cello*, fez a primeira gravação de obras para violoncelo solo de Carlos Azevedo, Miguel Azguime, Nuno Côrte-Real e Ricardo Ribeiro. A sua colaboração com Luís Tinoco estendeu-se ao álbum *Aleppo and Other Silences* (Artway Next, 2022), onde interpreta *Prolonging para violoncelo solo*, além de outras obras de câmara do compositor.

Como diretor artístico do BEYRA, Filipe Quaresma tem um papel ativo no apoio a jovens músicos emergentes, assim como no apoio à criação e difusão de repertório contemporâneo. No âmbito deste projeto, realizou a estreia de *Short Term Memory*, obra a si dedicada, de Carlos Azevedo, e do *Concerto para Violoncelo n.º 2* de Luís Tinoco, reforçando o compromisso do BEYRA com a inovação musical e o futuro da música erudita em Portugal.

A sua discografia, entre muitos outros títulos, inclui *Sonatas para violoncelo e piano* (Artway Records, 2017); *Beethoven Cello Sonatas & Variations* (Artway Records, 2021) com o pianista António Rosado; e *Bach Cello Suites* (Artway Next, 2023). Os discos com Beethoven e Bach foram gravados com o violoncelo Montagnana «Suggia», gentilmente cedido pela Câmara Municipal do Porto. Compromissos futuros incluem concertos com a Constellation Orchestra de Sir John Eliot Gardiner, a estreia portuguesa de *The Protecting Veil* de John Tavener (no Festival À Corda) e a estreia de uma nova obra de Vasco Mendonça (com o acordeonista João Barradas e o Ensemble Orquestral da Beira Interior sob a direção de Peter Rundel).

Filipe Quaresma toca com um violoncelo de Christian Bayon, um violoncelo de John Betts (final do século XVIII) e um violoncelo de António Capela.



London Mozart Players

Os London Mozart Players são a orquestra de câmara mais antiga, inovadora e aventureira do Reino Unido. Fundada há mais de 75 anos por Harry Blech, para apresentar obras de Mozart e Haydn, a missão dos LMP evoluiu para a criação de experiências musicais ousadas, ambiciosas e acessíveis para todos. Os LMP orgulham-se de estar na vanguarda da incorporação de arte e cultura na vida de comunidades em todo o Reino Unido e além, apresentando tanto novas obras quanto repertório fiel às suas raízes.

Os LMP trabalham com escolas e centros musicais em todo o Reino Unido e no estrangeiro, com o objetivo de inspirar a

próxima geração de músicos e amantes da música. Mantêm também a sua longa tradição de promover jovens talentos: Nicola Benedetti, Jacqueline du Pré e Jan Pascal Tortellier são apenas três dos muitos virtuosos que foram apoiados pelos LMP no início das suas carreiras. Encontram-se sediados no Fairfield Halls, em Croydon, e têm residências em St John's, Upper Norwood, Thaxted Festival e Grayshott Concerts. Em colaboração com muitos dos maiores solistas e maestros do mundo, o trabalho dos LMP é desenvolvido em Croydon e celebrado internacionalmente. Jonathan Bloxham é o seu Maestro Residente e Consultor Artístico desde outubro de 2022.

LONDON MOZART PLAYERS

FLAUTA

Michael Cox
Oliver Roberts

OBOÉ

Christopher O'Neal
Emily Stephens

CLARINETE

Tim Lines
Emma Canavan

FAGOTE

Sarah Burnett
Ruth Rosales

TROMPA

Timothy Ellis
Martin Grainger

TROMPETE

Anthony Thompson
Katie Lodge

TÍMPANOS

Tom Lee

TECLADO

Sophia Rahman

I VIOLINO

Simon Blendis
Jessica Coleman
Nicoline Kraamwinkel
Ann Criscuolo
Anna de Bruin
Nemanja Ljubinkovic

II VIOLINO

Antonia Kesel
Aries Chow
Jeremy Metcalfe
Jayne Spencer
Stephanie Waite

VIOLA

Meghan Cassidy
George White
Christopher Beckett
Kate De Campos

VIOLONCELO

Kate Gould
Sarah Butcher
Wallis Power

CONTRABAIXO

Benjamin Russell
Caroline Harding



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB

GARANTA O MELHOR LUGAR

ccb.pt/newsletter



CCB

10 ABR 26

CICLO NOTAS DE MÚSICA

***A SINFONIA EM FINAIS
DO SÉCULO XVIII: ASPETOS
HISTÓRICOS E ESTILÍSTICOS***
LUÍS M. SANTOS

ARTES
PERFORMATIVAS

CICLO NOTAS DE MÚSICA

**A SINFONIA EM FINAIS DO SÉCULO XVIII:
ASPETOS HISTÓRICOS E ESTILÍSTICOS**

Luís M. Santos

A sinfonia foi um dos géneros musicais que mais se destacou na cultura europeia setecentista. Estima-se, de facto, que só nesse período tenham sido compostas perto de 20 mil obras, numa grande variedade de formatos. Após passar em revista as origens e o desenvolvimento inicial do género, esta conferência explora a história da sua transformação estilística nas últimas décadas do século XVIII, considerando os contributos de múltiplos protagonistas em diferentes pontos geográficos, nomeadamente a produção final de J. Haydn e W. A. Mozart, mas também de figuras como J. C. Bach, C. P. E. Bach, C. Cannabich, F.-J. Gossec, C. D. von Dittersdorf e alguns outros. Muito para além do objeto sonoro, a sinfonia é igualmente entendida como um testemunho eloquente das mudanças socioculturais que marcaram essa era.

Esta conferência realiza-se no âmbito do concerto **Sinfonia N.º 41 «Júpiter» de Mozart**, com **London Mozart Players**, no dia 10 de abril, às 20h.

O El Corte Inglés apoia o Programa de Mediação de Música Erudita do CCB.

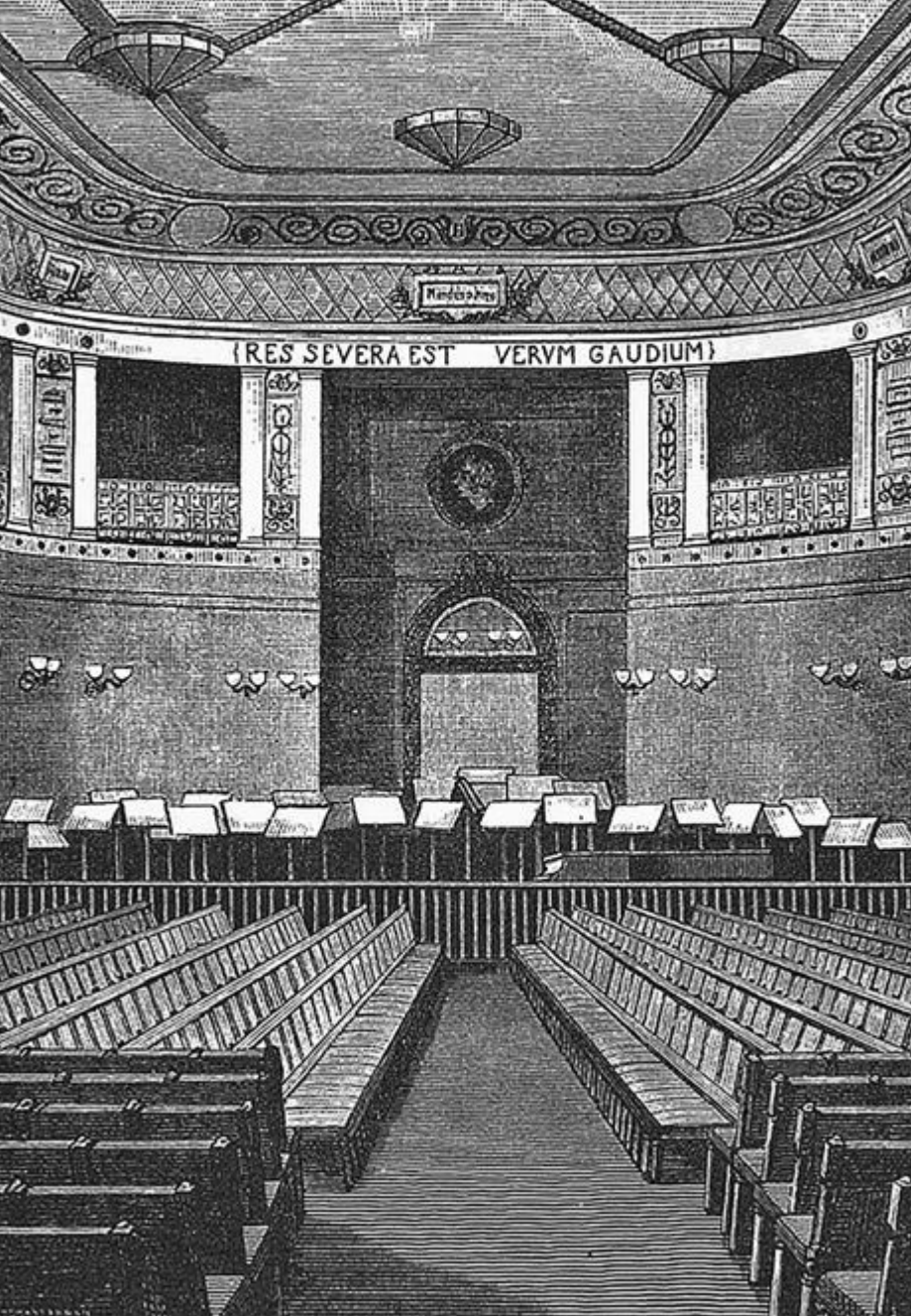


© DR

Manuel Pedro Ferreira

Luís M. Santos doutorou-se em Ciências Musicais Históricas na NOVA FCSH (2024), tendo usufruído de uma Bolsa de Doutoramento concedida pela FCT | Fundação para a Ciência e a Tecnologia. A sua tese, orientada por Paulo Ferreira de Castro, debruça-se sobre a música sinfónica em Lisboa no período entre 1910 e 1933. Realizou o Curso de Piano no Conservatório Nacional (2006) com as mais altas classificações, tendo frequentado também diversos cursos de aperfeiçoamento. Participou, nomeadamente, nos Cursos Internacionais de Música da Costa do Estoril (2002), sob a orientação de Paul Badura-Skoda, enquanto bolsheiro do Conservatório Nacional, bem como na Semana Internacional de Piano de Óbidos (2004), sob a orientação de Luiz de Moura Castro, Manuela Gouveia e Vitaly Margulis, enquanto bolsheiro da Fundação Rotária Portuguesa. Participou ainda em masterclasses ministradas pelos pianistas António Rosado, Jorge Moyano, Fausto Neves, Filipe Pinto-Ribeiro, Sequeira Costa, Galina Eguiazarova, Dmitri Bashkurov e Boris Berman, entre outros. Foi premiado em vários concursos nacionais de piano.

Na NOVA FCSH, obteve a licenciatura em Ciências Musicais (2007), bem como o mestrado em Musicologia Histórica (2010). Desde 2007, é investigador do CESEM | Centro de Estudos em Música (NOVA FCSH), no âmbito do qual foi Bolsheiro de Investigação e Investigador em projetos financiados pela FCT (sobre história da ópera, da tratadística musical e da condição socioprofissional dos músicos), integrando atualmente o Grupo de Investigação em Teoria Crítica e Comunicação. Apresentou cerca de meia centena de comunicações em encontros científicos nacionais e internacionais, em universidades portuguesas e estrangeiras, e o seu trabalho de investigação tem surgido em diversas publicações musicológicas. Foi distinguido com o Prémio Joaquim de Vasconcelos 2016 pela SPIM | Sociedade Portuguesa de Investigação em Música. Colabora regularmente, desde 2010, com a Casa da Música, o Teatro Nacional de São Carlos e a Fundação Calouste Gulbenkian na redação de textos musicológicos. Desde 2013, tem colaborado também enquanto docente convidado com o Departamento de Ciências Musicais da NOVA FCSH.



Mandragora

(RES SEVERA EST VERVM GAUDIUM)

Uma Cidade. Um Museu. Tantos Palcos.

One City. One Museum. So many Stages.

Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura
MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€
For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições
Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB
CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao